

**Resenha:****Cegueira moral**Lilian Muneiro<sup>1</sup>  
Fagner França<sup>2</sup>

Bauman, Zygmunt; Donskis, Leonidas. **Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

Não é comum termos à disposição livros que apresentem o diálogo sofisticado de intelectuais a respeito de questões candentes de nossa época: política, privacidade, distopias, consumo. *Cegueira Moral - a perda da sensibilidade na modernidade líquida*, escrito por Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis é um deles, indispensável para quem deseja conhecer as transformações do mundo contemporâneo.

A capa da publicação, assinada por Sérgio Campante, representa bem a obra. A centralidade não está nas pessoas. Nenhuma delas é posta com o olhar direcionado ao leitor. Todas estão em seus respectivos contextos. Classes sociais distintas, alguma capacidade de ação, margem para fruição e contemplação em oposição topológica. A sombra da mulher com duas crianças, ao lado de uma mala aberta, vazia, com marcas de várias paragens, denota nossa falta de amplitude em ver e sentir. Estamos sempre de passagem. A cor branca, simbolizando luz, chama atenção para os vocábulos “Cegueira Moral”, e para quem diz que estamos nela, Bauman, nosso conhecido. Talvez uma referência à cegueira por excesso de luz, como no livro clássico de Saramago (1995).

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, falecido em 2017, ganhou atenção dos leitores, sobretudo por apresentar, vez por todas, a impossibilidade de conseguirmos estabilidade, dada a liquidez na qual estamos imersos. O pêndulo que oscila entre segurança e liberdade é ponto central em toda sua obra. Leonidas Donskis, judeu lituano, foi teórico político, filósofo e professor. Dedicou-se à cátedra de política na Vytautas Magnus Universidade, importante casa do saber da Lituânia. Faleceu em 2016.

A crítica afiada dos interlocutores pode ser aferida logo na introdução, denominada *Para uma teoria da privacidade e da impenetrabilidade humanas ou expondo formas*

---

<sup>1</sup> Dra. em Comunicação e Semiótica (PUC/SP) e docente do Departamento de Comunicação da UFRN.

<sup>2</sup> Dr. em Ciências Sociais(UFRN) e docente no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais também da UFRN.

*esquivas do mal*. Nela, Donskis lança uma questão fundamental do nosso tempo: “Se podemos criar nós mesmos uma rede de relações sociais e participar do drama global da convivência e da sensibilidade humanas, o que sobra pra o jornalismo como profissão?” (p. 12) A resposta estaria no estreitamento dos laços com as ciências humanas e sociais visando a interpretação mútua de crítica social e auto-interpretação, além da aproximação com a filosofia e a literatura.

Em *Do diabo a pessoas assustadoramente normais e sensatas*, primeiro capítulo, os autores sugerem que a violência e a brutalidade verbal e imagética exibidas pela mídia progressivamente eliminam a sensibilidade social e política das pessoas, além de apresentarem um mundo fragmentado: “Vivemos numa era de fragmentos sonoros, não de pensamentos: hóspedes calculados, como expressou George Steiner numa observação famosa, para o máximo impacto e a obsolescência instantânea” (p. 59).

Tudo isso diz respeito a um conceito central em toda obra de Bauman, adiaforização. O termo significa os estratagemas voltados para colocar certos atos, ou a omissão deles, fora do eixo moral/imoral, deixando de lado qualquer crise de consciência. Aproxima-se da banalidade do mal, como exposta por Hannah Arendt (1999). Em poucas palavras, adiaforização significa a desresponsabilização moral e ética do sujeito em relação aos resultados de seus atos.

Na *Modernidade Líquida* (2001), as formas antigas de enfrentar a vida não funcionam mais, enquanto outras, novas e eficazes, não estão à vista ou são escassas. A insegurança produz o medo, acentuado pela desregulamentação e privatização das redes de proteção social. Donskis introduz o tema das universidades. Em seu país Lituânia, diz ele, tentam transformá-las em órgãos semi-empresariais. “Mas uma coisa é pior que isso, o gradual desaparecimento da política dos domínios da universidade e também uma escorregada para a tecnocracia disfarçada de democracia e livre escolha” (p. 58).

No segundo capítulo, *A crise política em busca de uma linguagem da sensibilidade*, Donskis reitera a necessidade da linguagem da sensibilidade e do papel dos intelectuais. Uma linguagem, no sentido ético-político, capaz de estabelecer uma melhor comunicação social entre as diversas camadas da população. Principalmente porque a forma partido de fazer política está se esgotando. Por isso, diz, o grande rival de um partido político não será outro partido, mas uma organização governamental ou algum movimento influente. As placas tectônicas da política, como temos visto nos últimos anos, estão se movendo. É importante compreender em que direção.

Bauman concorda com Donskis no sentido de que a tecnologia ultrapassou a política, e relembra o escritor bielorusso Evgeny Morozov: “há muitas maneiras diferentes pelas quais os regimes autoritários podem usar a Internet em benefício próprio... eles o empregaram e continuam a empregar” (p.71). A grande questão seria encontrar o equilíbrio entre os custos e benefícios da tecnologia. Sobretudo porque, em uma sociedade

confessional, as redes sociais são campos de vigilância voluntária do tipo faça você mesmo: “é algo caído do céu para qualquer ditador e seu serviço secreto (p. 71).

No capítulo seguinte, *Entre o medo e a indiferença: a perda da sensibilidade*, Donskis e Bauman refletem sobre o medo, provavelmente o principal afeto político atualmente, ao lado do ódio. “Tenho medo, logo existo”. O medo alimenta o ódio e o ódio alimenta o medo. O medo fala a linguagem da incerteza, da insegurança, da falta de proteção da nossa época e temos que viver com essa incerteza, levando à eleição de governantes de viés autoritário, seja no Brasil, nos EUA ou na Hungria. Medo e modernidade são irmãos siameses.

Em *Universidade do consumo: o novo senso de insignificância e perda de critérios*, quarto capítulo, Leonidas pergunta: Que tipo de imaginação constrói utopias e distopias? Donskis sugere que vivemos uma ausência de imaginação política. Que caminhos devemos seguir enquanto comunidade global? Que tipo de educação queremos? Mas revela algumas pistas: uma educação capaz de aliar tecnologia e ciências humanas e sociais, que deveriam ganhar cada vez mais centralidade no século que apenas começa, o contrário de um capitalismo acadêmico que se difunde compulsoriamente por meio da governança burocrática e da destruição da autonomia universitária e da liberdade acadêmica.

No último capítulo, *Repensando a decadência no Ocidente*, Donskis inicia com crítica ao Estado que serve ao capitalismo global e realiza função de empresa. Expõe a falta de entendimento da obra de intelectuais que expuseram seus contextos e que são pinçados por políticos para justificar ataques racistas a estrangeiros que seriam responsáveis pela decadência de seu país. Bauman não nega os problemas enfrentados pela Europa, mas mostra-se esperançoso no enfrentamento por ter sido o continente que “inventou o primeiro e único modo crítico e auto transgressor de ser e estar no mundo”.

A dupla Bauman e Donskis apresenta reflexões a respeito dos autores Oswald Spengler e Houllebecq. Spengler, entre suas contribuições, previu a ascensão de intelectuais de direita em tempos de angústia, quando a moral precisa ser invocada e elevada. Donskis aponta um de seus equívocos: a ideia de que culturas são fechadas e devem ser isoladas uma das outras. *A possibilidade de uma ilha*, escrita por Houllebecq é citada por Bauman como a primeira distopia, sem rival “feita sob medida para a era da modernidade líquida, desregulamentada, obcecada pelo consumo e individualizada”(p. 246). O texto ‘Lealdade, traição, consciência situacional e perda da sensibilidade’ elaborado por Donskis encerra a obra. Ali estão considerações sobre sociabilidades, comportamentos, ilustrados por personagens conhecidos como Don Juan. Fala sobre autoconhecimento, que sem a participação do outro produz ‘monstros da razão e da imaginação’, da lealdade, do amor e do paradoxo da fidelidade.

Cabe registrarmos que a intertextualidade da obra é nominada. Também por isso o leitor tem o prazer de encontrar, descortinados, conhecidos vindos da literatura, da sociologia, da política, da filosofia, que influenciaram os autores. Apresentamos alguns:

Albert Camus, George Orwell, Milan Kundera, William Shakespeare , Hannah Arendt , George Simmel, Yergeny Zamyatin, Mikhail Bulgakov, Sigmund Freud, Gregory Kanovich, Emmauel Levinas, Leonid Chestov, Gregory Batson, Ludwig Wittgenstein, Ricardas Gavelis, Louis Sébatien, George Steiner, George Clemenceau, Michael Houellebecq, Guy Standing, Jean Baudrillard, Write Mills, Regis Debray, Vaclav Havel, Manuel Castells, Winston Smith, Stuart Hall, Antony Guiddens, Umberto Eco, Ernerst Bloch, George Schöpflin, entre outros.